

BIOGRAFIA: ASPECTOS HISTÓRICOS E TEÓRICO-METODOLÓGICOS

ANTONIO ROBERTO XAVIER

Unilab. E-mail: historiadoroberto@Hotmail.com

Introdução

As pesquisas com a temática Biografia ao serem evocadas fazem com que repentinamente adentre em nossas faculdades cognitivas a dedução lógica de que tais estudos tendem a tratar da descrição histórica ou relato da vida de uma pessoa enfocado em um certo contexto, como definem os dicionaristas da atualidade. O recurso teórico-metodológico das pesquisas biográficas não é um fenômeno novo e tem como significado a perpetuação da memória de protagonistas e dos acontecimentos que os envolveram. No mundo moderno o uso nominal e significativo da palavra biografia aparece após século XVII na Inglaterra, Alemanha e França.

Todavia, as origens do vocábulo biografia derivam da palavra grega antiga **βιογραφία**, cujo significado composto é *βίος*-bioy (bioi) significando vida e **γραφία** (*γράφειν*) – *gráphein*, igualmente a escrever, ou seja, escrita da vida de alguém pertencente à esfera pública ou privada, como explicou Plutarco em suas *Bíoi* paráλληλοι – *Vidas paralelas*. Por outro lado, *há autores que defende ser a biografia oriunda das inscrições feitas pelo rei da Pérsia que teria escrito sua autobiografia numa rocha a 300 pés destacando seu próprio heroísmo. Desta forma, a historiografia persa teria exercido papel determinante sobre o gênero biográfico e autobiográfico, bem como o uso de fontes documentais para poder compô-las, muito embora, posteriormente, os gregos tenham preferido registrar as glórias coletivas e locais diferentemente da tradição persa.*

História da biografia e seus tipos

A produção do gênero biográfico vem de longe. A guisa de exemplo, podemos citar na Grécia arcaica, *Ilíada* e *Odisseia* atribuídas como produção e tradição da poesia oral do poeta grego Homero do século VIII. Na Grécia Clássica do século IV, temos os escritos de gênero biográfico *Memorabilia*, do filósofo grego Sócrates, *Agésilas* de Xenofonte, *Anabasis* e *Encomium* de Evágoras. Com efeito, se houve essas produções biográficas é óbvio que existiram os seus produtores, os biógrafos. De fato,

Tácito, Suetônio e Plutarco. Antes deles, Crítias, Isócrates, Xenofonte, Teofrasto, Aristóxenes, Varrão, Cornélio Nepos. Mais tarde, Eginhard, o abade Suger, Jean de Joinville, Philippe de Commynes, Fernán Pérez de Guzmán, Filippo Villani, Giorgio Vasari, Thomas More. A Antiguidade grega e romana contou com importantes biógrafos, assim como a Idade Média e Renascença. Mas ainda não se chamavam assim. (LORIGA, 2011, p. 17).

Essas produções biográficas descrevem as vidas e as ações heroicas de seus personagens bem como o desenrolar ou as consequências posteriores desses feitos. Seguindo o modelo da cultura grega, na Roma antiga temos como exemplo a obra *Da Guerra das Gálias*, de Júlio César, na qual são retratados os feitos heroicos não de um personagem, mas de vários e dos acontecimentos no desenrolar das batalhas (BINDÁ; FROTA, 2013).

Seguindo o raciocínio dos autores supracitados é permitido dizer que no período medieval as escritas biográficas são cunhadas com o estilo bio-hagiográfico no qual são descritas as vidas e virtudes de pessoas consideradas além de heróis ou heroínas, santas ou mártires a serem seguidos. Como exemplos podem ser destacados: *Diálogos de São Gregório Magno*, *Legenda Aurea* de Tiago de Varazze, *São Francisco de Assis*, *Santa Clara de Assis*, *Santo Antônio de Lisboa*, *Santo Antônio de Pádua* e tantos outros e outras.

Todavia, nem na idade antiga e nem medieval o termo biografia era conhecido. Somente na idade moderna, a partir do século XVII, é que as produções envolvendo esse gênero passam a ser designados de biografia.

O termo “biografia” só aparece ao longo do século XVII, para designar uma obra verídica, fundada numa descrição realista, por oposição a outras formas antigas de escritura de si que idealizavam o personagem e as circunstâncias de sua vida (tais como o panegírico, o elogio, a oração fúnebre e a hagiografia) [...]. Os primeiros verdadeiros biógrafos foram os ingleses: Izaak Walton, autor de uma vida do poeta John Donne em 1640, e o eclético John Aubrey, que, entre 1670 e 1690, escreveu uma série de notícias biográficas sobre diversas personalidades de Oxford (o texto só seria publicado no século XIX), seguidos por Samuel Johnson com suas *Lives of the Poets* (1779-1781) e por James Boswell, autor de uma *Life of Samuel Johnson* (1791). (LORIGA, 2011, p. 17-18).

No contexto moderno, as escritas do gênero biográfico são caracterizadas, além das bio-hagiografias e vidas de reis e rainhas, pelos aspectos literário e histórico e podem ser destacadas: Diário Espiritual de Santo Inácio de Loyola, Ensaios de Michael de Montaigne, Pensamento de Blaise Pascal, Confissões de Rousseau etc. “Ao longo do século XVIII, a reflexão biográfica se desenvolveu sobre dois eixos essenciais: além da vida dos santos e dos reis, interessou-se cada vez mais pela de poetas, soldados ou criminosos; e adota um tom mais intimista” (LORIGA, 2011, p. 19).

No século XIX as pesquisas biográficas são, de certa forma, rejeitadas, acusadas de serem produzidas em oposição ao legado da cultura greco-romana e de não conterem teor interessante para a história universal. Entretanto, a partir do império cientificista evocado pela História, sobretudo da segunda metade do século XIX, o gênero biográfico teve como espinha dorsal a produção de obras descritivas dos grandes vultos da política, principalmente nos paí-

ses nos quais a história positivista teve seu espaço de fertilidade e florescência intelectual, como foi o caso do Brasil.

Porém, no final do século XIX para o século XX, com a disseminação das ideias marxistas e consequente alastramento da história social, as pesquisas biográficas entram em declínio. Essa situação se estenderia até a primeira parte da segunda metade do século XX, quando na França, sob a tutela de uma nova fase de pensadores da Nova História, sob o tema de história política o gênero biográfico é retomado e desde então tem se intensificado como linha de pesquisa por toda parte.

Somente com o advento da Micro-História ao “[...] permitir interpretações de realidades fragmentadas, contradições e pontos de vistas plurais [...]” a partir, sobretudo da década de 1980, as pesquisas biográficas retomam seu campo de produção com significativa visibilidade e com uma amplitude de personagens das diversas camadas sociais (BINDÁ; FROTA, 2013, p. 213).

É fato que ao longo da história a modalidade de escrita biográfica, através de narrativas, tem sido efetivada em diferentes contextos, sendo interesse tanto de pessoas próximas ao biografado como de pesquisadores e leitores em geral. Desde a antiguidade aos tempos atuais o gênero biográfico vem sendo produzido abordando a descrição, feitos e fatos envolvendo diferentes personagens através de temas contemporâneos e uso dos mais diversos tipos de fontes, incluindo as fontes tecnológicas informacionais.

A partir da virada das décadas de 1970-1980, apresentou-se um novo quadro na pesquisa histórica: temas contemporâneos foram incorporados à história (não mais reservada apenas ao estudo de períodos mais remotos); valorizou-se a análise qualitativa; experiências individuais passaram a ser vistas como importantes para a compreensão do passado (às vezes mais significativas do que as grandes estruturas como os modos de produção); houve um impulso da história cultural e um renascimento da história política (esta última não mais a história dos “grandes feitos” dos “grandes homens”,

mas o *locus* privilegiado de articulação do social, a ação dos atores e de suas estratégias) e revalorizou-se o papel do sujeito na história – portanto, da biografia [...]. O relato pessoal (e a entrevista de história oral é basicamente um relato pessoal) transmite uma experiência coletiva, uma visão de mundo tornada possível em dada sociedade. Esse novo quadro na pesquisa histórica resultou em mudanças importantes nos conteúdos dos arquivos e na concepção do que é uma fonte, e coincidiu com as transformações das sociedades modernas. Por exemplo: as decisões que antes eram tomadas no curso de uma troca de correspondência, hoje em dia são tomadas por telefone, fax ou *e-mail*, muitas vezes sem deixar rastros em arquivos. Uma entrevista de história oral pode reconstituir processos decisórios e revelar informações que de outra forma se perderiam. Outros registros sonoros (músicas, *jingles*, gravações radiofônicas), ou ainda fotografias, caricaturas, desenhos, filmes, monumentos, obras de arte e de arquitetura, são passíveis, hoje em dia, de se tornar fontes para o estudo do passado, tendo havido, portanto, uma revisão do fetichismo da fonte escrita.¹

Todavia, é racional lembrar que a forma ou maneira de condução dessas pesquisas carecem de discussão, sobretudo no âmbito teórico-epistemológico concernente a História e seus prismas de atuação, como é o caso das pesquisas históricas da Educação em espaços e temporalidades delimitados.

O interesse por este tipo de pesquisa tem se configurado bastante potente nos últimos anos e tem sido visto no mundo acadêmico historiográfico como um campo inovador e revelador de um vasto arcabouço de novidades na seara da História da Educação e das ações efetivas de seus protagonistas.

O despertar dos historiadores da Educação para a necessidade de inovação nas pesquisas, adotando novos proble-

¹ ALBERTI, Verena. **Indivíduo e biografia na história oral**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000. [5]f. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br>> Acesso: 13 nov. 2013.

mas, novos objetos e fontes variadas, possibilita a realização e a compreensão de estudos mais localizados, uma vez que aproxima a Educação de outras áreas do conhecimento, dentre elas, a História [...] O surgimento de enfoques e perspectivas de análise permite, também, um resgate e aprofundamento do fenômeno ocorrido em um determinado tempo e lugar. Nesse sentido, no âmbito da educação e das relações interpessoais, há uma riqueza de informações, muitas vezes inexploradas, mas que poderão ajudar na compreensão da própria história, em especial da educação. Em alguns casos, a reconstituição da história se faz necessário à conjugação da memória. (ALMEIDA, 2005, p. 297).

Os novos e velhos problemas, multiplicidade de objetos, variabilidade de fontes, novos métodos e diferentes abordagens propostos pela chamada Nova História permitem e possibilitam pesquisas históricas centradas em temáticas relacionadas à educação vinculadas aos seus sujeitos fazedores, principalmente com abordagem da Micro-História que é utilizada como recurso nas produções de pesquisas contextualizadas delimitando para tanto os espaços e temporalidades de vivência e atuação por meio de pesquisas biográficas de educadores e educadoras. Com efeito, “[...] O uso da biografia e dos métodos biográficos no estudo da história faz muito sucesso hoje em dia – haja vista o *boom* editorial das biografias, não só no Brasil como em todo o mundo [...]”²

Entretanto, a produção de pesquisas com o gênero biográfico histórico não é uma tarefa fácil, pois requer do pesquisador a compreensão necessária e indispensável da historicidade do (a) biografado (a) com os diversos e diferentes prismas do contexto e da temática com os quais o (s) protagonista (s) biografado (s) está relacionado direta ou indiretamente. Outra vertente envolvida é o perigoso engano de alguém crer que as pesquisa biográficas são estanques em si mesmas ou podem e devem ser conduzida de forma

² Idem

organizada e linearmente a vida e os acontecimentos que envolveram o biografado. Esta última forma de análise estaria categorizada na concepção bourdieuriana de “ilusão biográfica.”

O retorno aos estudos biográficos e as histórias de vida, após longo combate dessa modalidade de produção histórica de cunho positivista, ganhou visibilidade a partir dos crescentes interesses por indivíduos, suas trajetórias e subjetividades, de forma mais acentuada, após a crise dos paradigmas do marxismo/estruturalismo. Na história, em particular, começa a se valorizar os estudos das dimensões existentes entre sujeitos sociais e estruturas, dando sentido ao tempo vivido nas relações mais capilares e individuais, no seio da vida cotidiana. (MACHADO; VASCONCELOS JÚNIOR; VASCONCELOS, 2011, p. 256).

Com efeito, as pesquisas biográficas ou mesmo autobiográficas possibilitam à História em geral e, em particular à História da Educação, a proximidade com suas realidades do cotidiano. A formação e exemplos educacionais também são possibilitados através das pesquisas biográficas. Graças ao advento da Micro-História e seu reconhecimento teórico-epistemológico as pesquisas biográficas em História e, especificamente a História da Educação Brasileira em caráter nacional, regional e local tem a possibilidade de conhecer e reconhecer seus educadores e educadoras, suas ações e práticas educativas nos diferentes contextos históricos.

Biografia e Autobiografia constituem um campo específico da ciência da História, que obedece a procedimentos metodológicos similares aos que são usados na pesquisa histórica em geral. É um recurso investigativo que também pode ser usado na área educacional, com a finalidade principal de estimular pais e filhos, avós e netos, professores e alunos a pensar o tempo como um processo em cuja dinâmica se intercalam passado, presente e futuro. Isso significa também reconhecer, do ponto de vista social, que as histórias individuais se entrecruzam com as histórias de outros indi-

víduos e gerações que nos antecederam, indo da memória individual à memória coletiva [...]. É necessário ressaltar que todos os indivíduos têm história, não sendo a autobiografia ou a biografia um privilégio de homens ou mulheres famosos e importantes, como os que integram a elite política ou econômica e o mundo das ditas celebridades. Assim, qualquer indivíduo, por mais simples e comum que pareça ser, carrega em si uma história pessoal, familiar e social que vale a pena relatar e que tem um grande valor sociológico. (CAVALCANTE, 2008, p. 26).

De acordo com Chizzotti (2006, p. 102), biografia, “[...] é a narrativa de vida de uma pessoa, feita por outrem, que, com base em documentos, hipóteses e orientações teóricas, reconstrói a vida do biografado [...]” (*apud* MAGALHÃES JÚNIOR; FERREIRA, 2013, p. 26). Em síntese oportuna a biografia está relacionada com a história de vida de uma pessoa e seu imbricamento com uma temática por ela vivenciada. No tocante a autobiografia esta, refere-se aos registros informativos da história de vida de uma pessoa feita por ela própria ou por outra pessoa que narra fielmente as experiências acontecidas e vividas com outrem. Já “[...] a história de vida de um sujeito se refere à globalidade da vida [...]” (MAGALHÃES JÚNIOR; FERREIRA, 2013, p. 29). Com efeito, a abordagem micro-histórica com pesquisas biográficas possibilitam, não raramente, a compreensão de estudos numa seara localizada perpassando para uma dimensão de grande dimensão.

Podemos tomar como exemplo o estudo explicativo de Barros (2007), que visando dá sustentáculo e embasamento teórico-metodológico à utilização da Micro-História como abordagem e seu entrelaçamento com um dos campos de estudos, a Biografia, cita Guinzburg (1998), como exemplo clássico de pesquisas biográficas. O estudo biográfico do italiano Guinzburg tem por objeto de investigação a querela existente, a partir da Idade Moderna na Europa, a possível dicotomia entre a “cultura oficial” e “cultura popular” e suas distintas áreas de sedimentação e atuação.

Poderíamos dizer que Ginzburg está preocupado com o mesmo problema da circularidade cultural, embora o inverta no que se refere ao sujeito ou pólo escolhidos como campo de observação. O seu “fragmento” é Menocchio, um moleiro herético do século XVI que filtrou diversas obras e proposições pertencentes ao campo da “cultura oficial” para construir uma cosmovisão original que era de algum modo isto: a “cultura oficial” filtrada através de uma experiência perceptiva mergulhada na “cultura popular”. O seu “fragmento” – a trajetória de um moleiro herético perseguido pela Inquisição na Itália do século XVI – permitiu-lhe acesar esta questão que afeta toda a sociedade. (BARROS, 2007, p. 172, grifo do autor).

Para resolver a suposta dicotomia entre as categorias de “cultura oficial” e “cultura popular” existente no pensamento moderno europeu, Guinzburg toma como objeto de estudo o Moleiro herético Menocchio perseguido pela Inquisição da Igreja católica na Itália e passa a biografá-lo para ao final encontrar possível resolução explicativa da dicotomia referida.

Com efeito, a retomada destas temáticas tem seu marco inicial com a crise do estruturalismo histórico, a partir, sobretudo das últimas quatro ou cinco décadas do século XX, que se desvencilhando de um discurso histórico mecanizado e alimentado por uma “[...] história quantitativa e serial [...]” (VASCONCELOS JÚNIOR, 2006, p. 25) cede espaço aos estudos biográficos com a utilização de novos objetos de estudos, novas metodologias, fontes e abordagens de pesquisas para a produção historiográfica visando as pessoas, os indivíduos e suas subjetividades.

Esse ressurgimento do indivíduo se dá após uma longa hegemonia de paradigmas funcionalistas, marxistas e estruturalistas predominantes até a década de 1970; de um primado racionalista da objetividade, que menosprezava as subjetividades e intersubjetividades. Mas o próprio desenvolvimento das ciências, da sociedade, do homem, assinalando outras demandas, novas razões para conflitos, velhos

embates acentuados por problemáticas novas, outros grupos sociais na arena social, tudo isso tornou inevitável um questionamento do que estava posto como definitivo, como suficiente para dizer o mundo do homem, esse sujeito por muito tempo submisso a uma racionalidade que pretendia a tudo responder, e que naquele momento desponta para a busca de sua identidade, pessoal e coletiva. (NUNES, 2014, p. 12, prefácio).

Essa volta das pesquisas biográficas encontra, pelo menos no atual momento, terreno espaçoso e fértil, como também não menos em matéria de importância no meio acadêmico. É valioso ressaltar que não existe apenas um tipo de estudo biográfico. O historiador Giovanni Levi (2006) citado por Magalhães Júnior e Ferreira (2013), ao falar sobre biografia menciona pelo menos quatro tipos de biografias: a modal (também chamada de prosopografia), a biografia e contexto, a biografia e casos extremos e a biografia e hermenêutica.

O primeiro exemplo de biografia mencionado, a modal é um tipo de biografia ilustrativa de aparências, comportamentos e/ou *status* de um indivíduo “[...] atrelados às condições sociais mais frequentes [...]”. Com relação a biografia e contexto “[...] predomina uma valorização de alguns elementos, como época, o meio e ambiente fatores capazes de caracterizar uma atmosfera que explica as singularidades das trajetórias [...]”. (MAGALHÃES JÚNIOR; FERREIRA, 2013, p. 27).

Com relação a biografia e os casos extremos faz-se necessário sua utilização quando o contexto da pessoa biografada não vem à tona de forma clarividente, sobretudo quando é preciso esclarecimento do contexto social do qual o (a) biografado (a) esteve significativamente inserido (a). Deste modo, “[...] a biografia e os casos extremos evidenciam a possibilidade de utilização da biografia em busca de esclarecimento de um determinado contexto [...]”. No que diz respeito a biografia e hermenêutica esta “[...] recai sobre o ato interpretativo do material biográfico, e o ato dialógico que está no cerne do processo cognitivo (MAGALHÃES JÚNIOR; FERREIRA, 2013, p. 28).

Hoje a biografia é um modelo de escrita da história nitidamente definida. Há uma metodologia explicitada, na qual a biografia não se destina mais ao julgamento feito por seus autores, mas sim a uma construção relevante sobre hipóteses cujos pressupostos serão confirmados ou não. Seu objetivo fundamental é levar à compreensão da época que, como a montagem de um quebra-cabeça, pouco a pouco vai revelando o que é permanente, indicando as diferenças, permitindo perceber a realidade dos problemas sociais através do concreto de uma vida. (BINDÁ; FROTA, 2010, p. 57-58).

Os estudos biográficos, os autobiográficos e as histórias de vida vêm a cada dia mais ganhando espaços nas pesquisas científicas. Destarte, esse tipo de estudo possibilita a apresentação no presente de protagonistas que fizeram história no passado, mas que as diretrizes dominantes e oficiosas não têm colocado esses sujeitos nos lugares merecidos. Cada sujeito, cada educador tem sua história dentro de uma teia de relações sociais amplamente diversificada, influenciada e influenciando por valores e juízos de cada época. Neste sentido, os anônimos e invisíveis passam a ser sujeitos da história com as devidas identificação e visibilidade possibilitadas pelas novas propostas teórico-metodológicas no âmbito das pesquisas educacionais.

Assim, ao adotar e reabilitar a perspectiva biográfica propõe-se um imbricamento da sociedade e do indivíduo, ou seja, recuperando o indivíduo como sujeito da história e da experiência na configuração das relações sociais, contrapondo-se a uma narrativa histórica tradicional da educação, para quem as ações humanas nada mais eram do que subprodutos das forças produtivas e culturais, por conseguinte, negava a possibilidade de interpretar a dimensão dos conhecimentos, das crenças e das atitudes que se expressam em representações e práticas culturais, quer individual quer coletivamente. (MACHADO, 2010, p. 24).

Compreende-se que as pesquisas nesse campo vêm, em boa hora, reavivar a voz e a vez de personagens da história da educação que foram esquecidos no tempo e no espaço. Para tanto, não se quer dizer ou deixar fendas para que produzamos escritas ficcionais quando produzimos pesquisas biográficas autobiográficas ou história de vidas. No estudo e manuseio das (fontes escritas, imagéticas, orais, etc.) o pesquisador faz suas escolhas, seus caminhos e no confronto dessas fontes é possível extrair o que é peculiar a pesquisa biográfica de caráter histórica na busca das realidades proposta pela pesquisa. Isto não significa dizer que seja possível captar as informações dos acontecimentos que envolveram/envolvem a pessoa biografada.

Considerações finais

Os estudos biográficos nas pesquisas históricas não é aplicável a uma biografia por si só ou uma história de vida e suas individualidades, mas o seu entrelaçamento com o todo de modo a possibilitar uma compreensão geral de uma certa e analisada realidade e sua relação com o contexto social, econômico e político. Deste modo, a perspectiva das pesquisas com o recurso da Micro-História partir da biografia de um sujeito social tem como foco enxergar partes do macro a partir do micro. Desta maneira, o ponto de partida por mais minúsculo que seja proporciona uma compreensão bem elástica sobre pesquisas no campo da História e seu processo interdependente com as demais áreas constituidoras do todo social.

Neste sentido, as pesquisas biográficas, historiograficamente, diferem em muitos pontos das demais pesquisas do gênero como é o caso dos trabalhos biográficos feitos por jornalistas, romancistas e até certo ponto os amantes da literatura. Nas pesquisas biográficas de cunho histórico as análises e interpretações das fontes e personagens são realizadas dentro de uma visão crítica em relação as suas produções, o que não impede sua variedade, diver-

sidade e grande quantidade. Os protagonistas envolvidos são reais e estão necessariamente destinados a representar uma realidade social inserida em um dado contexto vinculado com realidades anteriores e posteriores. Este relacionamento é próprio das pesquisas históricas haja vista não haver na condução temporal histórica uma partitura desconexa marcando um limite ou escala zero dos feitos e fatos anteriores e posteriores.

As pesquisas de cunho biográfico, autobiográfico e/ou de histórias de vidas no âmbito histórico em geral ou relacionado com uma temática específica, neste caso, com a educação, pontua, através de fontes diversas os principais acontecimentos que influenciaram anterior e posteriormente sem estarem atavicamente ligados a um processo cronológico rígido e inseparável. Especialmente quando utilizamos o recurso da História Oral, as narrativas coletadas são capazes de nos remeter a diferentes linhas de pensamentos e a um imenso território de fontes de pesquisa. Essa variedade de possibilidades interpretativas é peculiar a subjetividade humana e as experiências vividas, sentidas e preservadas na Memória. O descortino dessas fontes é capaz de nos levar a inúmeras descobertas e revelações de realidades obscuras.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Inaura Maria Ferreira de. A Educação Escolar: A Busca do Sistema Educacional da Cidade de Floriano. In: CAVALCANTE, Maria Juraci; BEZERRA, José Arimatea Barros *et al.* **História da Educação**: instituições, protagonistas e práticas. Fortaleza: LCR, 2005.

BARROS, José D'Assunção. Sobre a feitura da micro-história. **OP SIS** – Curso de História. Dossiê Teoria da História. Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão. Catalão – GO, v. 7, n. 9, jul-dez., 2007 <Disponível em: <<http://www.revistas.ufg>> Acesso: 07 out.2013.

BINDÁ, Thiza Maria Bezerra; FROTA, Alexandre Gonçalves. Bio-Hagiografia: uma possibilidade teórico-metodológica para narrar o itinerário histórico-espiritual do servo de Deus Frei João Pedro de Sexto. In: VASCONCELOS, José Gerardo *et al.* (orgs.). **Pesquisas biográficas na educação**. – Fortaleza: Edições UFC, 2013.

CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. Identidade Narrativa e Autobiografia: elementos teóricos e metodológicos para uma pedagogia da escrita histórica. In: BEZERRA, José Arimatea Barros; ROCHA, Ariza Maria (orgs.). **História da Educação: Arquivos, documentos, historiografia, narrativas orais e outros rastros**. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

LORIGA, Sabina. O pequeno x: da biografia à história; tradução Fernando Scheibe. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

MACHADO, Charliton José dos Santos; VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula; VASCONCELOS, José Gerardo. **O barão e o prisioneiro**: biografia e história de vida em debate. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

MACHADO, Charliton, José dos Santos. **Zila Mamede**: Trajetórias literárias e educativas. – Campina Grande: EDUEPB, 2010.

MAGALHÃES JÚNIOR, Antonio Germano; FERREIRA, Maria Nahir Batista. In: VASCONCELOS, José Gerardo *et al.* (orgs.). **Pesquisas Biográficas na Educação**. – Fortaleza: Edições UFC, 2013.

NUNES, Maria Lúcia da Silva. Prefácio. In: FIALHO, Lia Machado Fiuzza et al. (orgs.). **Ensaio em memórias e oralidades**. – Fortaleza: Edições UFC, 2014.